



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**REGILDENIA DE HOLANDA MOURA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Regildenia de Holanda Moura

**Entrevistador:** Igor Chagas Monteiro

**Local da entrevista:** Juiz de Fora (por skype)

**Data da entrevista:** 22/04/2014

**Processamento da Entrevista:** Igor Chagas Monteiro

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Número da entrevista:** E-754

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2016

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **Sumário**

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Jogos Mundiais Universitários; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 22 de abril de 2014. Entrevista com Regildenia de Holanda Moura a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

R.M. – Tive a prática na escola, não é? Os esportes praticados na escola como o futebol de salão, handebol, prática esportiva da grade curricular mesmo da escola.

I.M. – Como foi esta experiência para você?

R.M. – Ah, era uma coisa sem muita, como é que eu posso falar, sem muita responsabilidade, não é? Era mais a prática esportiva mesmo em termos de brincadeira, essas coisas, não era uma coisa séria, não disputava nenhum campeonato nem nada.

I.M. – O que te levou a arbitragem no futebol?

R.M. – A arbitragem entrou na minha vida pela forma como fui criada na minha casa. Porque eu sou de uma família de seis irmãos, onde tem quatro mulheres e dois homens. Eu sou a caçula e depois de homem é um homem, e a minha mãe sempre falou assim: “São muitos filhos, eu não quero ninguém brincando na rua, nem quero ninguém brincando da rua aqui! Então brinquem entre vocês!”. Como os dois caçulas era eu e o Eraldo<sup>1</sup>, meu irmão e ele é apaixonado por futebol, por esporte. Então restava eu para brincar com ele, ele não ia brincar de boneca comigo, eu tinha que brincar das brincadeiras de menino com ele, não é? Jogar bola, peão, bolinha de gude. E aí nasceu a minha vontade de conhecer mais o esporte, ele sempre jogava bola, eu ia vê-lo jogar bola, e depois ele machucou o joelho e não podia jogar mais. Ele fez o curso de árbitro e foi arbitrar partidas de futebol e eu sempre ia vê-lo apitando jogos de futebol. E os amigos dele sempre falavam: “Poxa, mais você entende bastante de futebol, de regras, de arbitragem. Por quê você não faz o curso também?”. Aí nasceu a vontade de fazer o curso.

---

<sup>1</sup> Nome sujeito a confirmação.

I.M. – Quando você começou a arbitrar?

R.M. – Eu comecei em 2000. O primeiro curso eu fiz em São Bernardo do Campo, em uma liga que existia lá. Em 2003, eu vim aqui para São Paulo, fiz o curso de árbitro no Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo. Lá em São Bernardo, o presidente da liga, não me dava oportunidade para apitar. E aí já tinha três anos, eu já estava me sentindo a vontade para apitar e quando eu vim aqui para o Sindicato, eu fiz o curso, falei da minha vontade de apitar. Na época, o diretor de Arbitragem era o Arthur Alves Júnior, e tão logo eu acabei o curso, a primeira escala já foi para apitar um jogo e bandeirar dois. Daí eu não parei mais. Em 2004, eu fiz o curso na Federação Paulista de Futebol.

I.M. – Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

R.M. – São Bernardo do Campo, no futebol amador.

I.M. – Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

R.M. – Primeiramente eu fiz o curso de árbitros e queria bandeirar, não tinha vontade de apitar, não é? Mas com o tempo eu fui me aperfeiçoando, fui percebendo que eu tinha algumas habilidades, na época eu era casada e o meu esposo falava assim: “Nossa, você é muito determinada, você é muito firme! Se você for apitar, você vai se dar bem, porque você é muito decidida no que você quer!”. E aí tive essa vontade de apitar e não só bandeirar.

I.M. – Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem?

R.M. – Então, eu fiz o primeiro curso em 2000, em São Bernardo do Campo, em 2003. Eu fiz mais um curso de árbitro aqui no Sindicato de Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo. E em 2004, eu fiz o curso da Federação Paulista, que esse realmente é o melhor, o mais conceituado, até em nível de Brasil.

I.M. – E você lembra o tempo de duração destes cursos?

R.M. – O primeiro curso foi uma média de três meses, no Sindicato dos Árbitros foi um curso de seis meses com o estágio e na Federação Paulista foi um curso de um ano, um ano e meio mais estágio.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

R.M. – Quando eu iniciei, foi em 2004 que eu fiz o curso, e comecei a atuar pela Federação Paulista em 2005, a mulher já era, como eu posso falar assim, bem vista no meio do futebol. Por que há pouco tempo a Sílvia Regina tinha conseguido apitar um jogo do Campeonato Paulista, um jogo do Campeonato Brasileiro, juntamente com a Ana Paula e com a Aline Lambert, então era um momento em que a arbitragem feminina estava em ascensão, pelas portas que elas tinham aberto, pelas barreiras que elas tinham quebrado.

I.M. – O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

R.M. – Eu acho que independente assim de arbitragem, mas no geral, o fator motivacional tem que ser a sua força de vontade, o seu desejo de fazer o que você quer, o que você gosta, ir à luta. Então a minha motivação é a minha vontade mesmo e assim, a minha família me dá muito apoio em tudo o que eu faço. Então tudo isso serve de motivação para mim.

I.M. – Você enfrentou dificuldades quando iniciou sua atuação?

R.M. – Olha, a arbitragem feminina e, ainda no meu caso que eu sou árbitra central, ainda tem um pouco de resistência sim. Mas eu acho que a resistência está mais por parte dos dirigentes, em ter a coragem de apostar, de escalar uma árbitra. As árbitras assistentes já têm mais oportunidades, haja vista, você percebe pelo número de árbitra central e árbitras assistentes. Porque pelas oportunidades que tem então as mulheres que fazem o curso de arbitragem preferem até a bandeirar do que a apitar. Por que realmente apitar é mais difícil, mas é muito prazeroso quando você faz o que você gosta.

I.M. – Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

R.M. – Árbitra central.

I.M. – Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF<sup>2</sup>, ASP-FIFA, FIFA<sup>3</sup> ou Federação Estadual)?

R.M. – Então, em 2004 eu entrei na Federação Paulista, em 2007 passei a fazer parte do quadro da CBF, fui indicada ao quadro da CBF e, em 2012 eu cheguei no quadro da FIFA, que para a arbitragem é o máximo patamar que você pode chegar como árbitro de futebol.

I.M. – Em qual delas se encontra atualmente?

R.M. – Graças a Deus me mantenho até hoje no quadro da FIFA.

I.M. – Qual foi o período em que você arbitrou?

R.M. – Então eu estou atuando na arbitragem no geral, na Federação Paulista há 11 anos e desde que eu comecei do amador até aqui faz 15 anos.

I.M. – O que te fez permanecer como árbitra/assistente de futebol?

R.M. – Apesar de todas as barreiras que tive que enfrentar, apesar de todo o preconceito, de toda a dificuldade, o que me fez permanecer até hoje é a minha força de vontade, a minha determinação e amor ao que faço. Por que na arbitragem, para você entrar na arbitragem você tem que ter muito amor, muita paixão pelo que você faz. E o que mantém até hoje na arbitragem é o amor que eu tenho à arbitragem, ao futebol.

I.M. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou na arbitragem?

---

<sup>2</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>3</sup> Federação Internacional de Futebol.

R.M. – Então é a resistência ainda, não é? Porque o futebol é um mundo muito masculino, muito, meio que um Clube do Bolinha. Então ainda tem uma resistência sim em relação à arbitra central, como eu já te falei antes, assistente acaba tendo um pouco mais de oportunidade, mas árbitra ainda tem um resistência sim. E é essa a dificuldade que eu sinto, mais fora do campo de jogo, porque dentro do campo de jogo, eu sinto que tanto os jogadores como comissões técnicas acabam respeitando mais a mim que sou mulher do que até aos homens. Por que com o homem ele vai chegar e vai falar a mesma língua, com a mulher ele já chega e dá aquela travada. Não vai falar com o mesmo linguajar que falaria com um homem. Então, dentro do campo de jogo eu não sinto nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de resistência.

I.M. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

R.M. – Fundamental. A minha família é a minha base, é o meu alicerce, me dá muito apoio, é a minha torcida número 1. Sem eles, com certeza, se não fosse por eles talvez em uma dessas barreiras que a arbitragem nos impõe... Se não fosse por eles, pela torcida que eles têm por mim, o orgulho que eles têm por mim, talvez eu tivesse até parado. Mas saber que eles têm tanto orgulho, torcem tanto por mim, que às vezes eu passo por cima de algumas coisas e continuo por eles. Então a minha família é fundamental na arbitragem, para mim a participação deles é total.

I.M. – Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

R.M. – Então no Campeonato Paulista da série A1 eu já atuei como árbitra assistente adicional e fiz 4ª árbitra. Da série A2 do Campeonato Paulista para baixo eu atuo em todas. E no Brasileiro eu também já trabalhei como árbitra assistente adicional e 4ª árbitra.

I.M. – E competições de futebol feminino?

R.M. – Ah, competições de futebol feminino em todas, não é? Em nível de Brasil faço o Campeonato Paulista, Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil Feminina, Torneio Internacional Cidade de São Paulo. E também já tive o prazer de participar de algumas competições no nosso continente, o Sul-Americano, não é? Sul-Americano sub-17, Sul-



Americano sub-20, Copa Libertadores Feminina e recentemente eu tive o prazer de participar da Copa América Feminina, que foi no Equador, em 2014.

I.M. – Por quais federações e ligas arbitrou, incluindo amador?

R.M. – Atuei pela ARAFUT, não é? Que foi a primeira liga em que eu trabalhei, foi em 2000 quando eu fiz o curso. Trabalhei pelo SAFESP, o Sindicato dos Árbitros de Futebol de São Paulo. Várias outras, não é? Porque graças a Deus a gente é convidada para apitar no Estado de São Paulo todo. E tive a oportunidade de trabalhar em muitas outras, mas as mais importantes eu acho essas, que foi a que eu comecei, que foi a ARAFUT, o SAFESP, que foi onde abriu as portas para mim apitar mesmo, para mim apitar como árbitra central e a Federação Paulista de Futebol.

I.M. – Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

R.M. – Essa é uma pergunta... Eu acho assim, primeiramente, por mais que não tenha me dado a oportunidade para apitar, mas o José Lemos, que é o presidente da ARAFUT, a liga lá de São Bernardo do Campo, onde eu comecei, porque foi ele que abriu as portas para me deixar atuar nessa área de arbitragem. Depois como eu já falei, o presidente do Sindicato dos Árbitros de Futebol de São Paulo, na época era o diretor de árbitros que foi em 2003, o Arthur Alves Júnior, onde realmente ele me deu a oportunidade de apitar um jogo de futebol. Então eu agradeço bastante a ele. E eu acho que relevantes são esses, não é? Que deram a primeira oportunidade, porque depois é com o passar do tempo, você vai mostrando o seu trabalho e as oportunidades vão acontecendo, não é? Mas, principalmente esses dois.

I.M. – Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

R.M. – O principal fato eu posso te falar que, posso até estar sendo repetitiva, mas foi a determinação mesmo, a força de vontade, a vontade de crescer. Então nunca parar de treinar, nunca parar de se aperfeiçoar, de estar sempre buscando conhecimento em relação às regras, estar sempre buscando melhor preparação física para estar sempre bem no campo

de jogo, tanto tecnicamente quanto fisicamente que é o que faz você ter um bom desenvolvimento dentro do campo de jogo.

I.M. – Você teve algum árbitro ou árbitra como referência para sua atuação?

R.M. – Eu acho que para as mulheres a Sílvia Regina<sup>4</sup> foi um ícone, pelo menos para a minha geração. Eu sei que temos a Léa Campos que foi a primeira árbitra a apitar um jogo de futebol, mas foi na década de 1970, 1980. Mas para mim a Sílvia Regina, como mulher, foi ela que realmente abriu todas as portas, quebrou todas as barreiras e deixou um caminho mais ameno para a gente. E homem árbitro, meu ídolo, para mim o melhor árbitro do Brasil e do Mundo, hoje ele parou, mas para mim vai ser sempre uma referência, o Wilson Luis Seneme.

I.M. – Por que ele é uma referência?

R.M. – Porque ele era muito bom, muito competente. Dentro do campo de jogo a arbitragem dele chegava ao nível de perfeição no meu ponto de vista. E eu me espelho nele. Eu apito, muitas chegam até a falar para mim que eu sou o Seneme de saias. Por que realmente eu procuro me espelhar nele.

I.M. – Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

R.M. – Eu não tive dificuldades não. Por que eu coloquei sempre a arbitragem como prioridade, então se depender de abrir mão de algum desejo, alguma vontade na vida pessoal eu abro mão por conta da arbitragem. Então eu não tive dificuldade em conciliar arbitragem e vida pessoal não.

I.M. – Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

R.M. – Um fato assim que eu sempre falo que para mim marcou negativamente, pelo tipo de competição que eu estava apitando. Era um campeonato amador, da OAB, não é? A Ordem dos Advogados do Brasil. Onde um jogador, no caso um advogado, me xingou de

forma assim absurda. Eu achei absurda porque eu já tinha apitado outros campeonatos amadores, tipo Copa Kaiser, que é várzea, e nunca fui tão desrespeitada como eu fui desrespeitada no Campeonato Amador. Então assim esse fato me marcou negativamente. E positivamente um fato que me marcou assim foram as oportunidades que eu tive no profissional. A minha estreia no profissional na Federação Paulista, que foi em 2007, na série A3 do Campeonato Paulista. E a convocação para a Copa América no Equador em 2014, não é? Que nosso continente é a competição mais importante de futebol feminino.

I.M. – E qual foi este jogo da série A3 que você fez?

R.M. – Foi União Barbarense e Independente de Limeira.

I.M. – Regildenia, o que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

R.M. – Posso te falar que tudo, não é? Um das coisas assim que me trouxe positivamente foi a disciplina em relação a treinos, alimentação. Por que o árbitro tem que estar muito bem treinado fisicamente, para que possa estar sempre em cima do lance nos jogos para tomar as melhores decisões. E as conquistas que eu tive, as viagens que eu pude fazer, conhecendo o Brasil quase que todo, alguns países do nosso continente como o Equador, o Paraguai. Então assim são conquistas que é graças à arbitragem que eu posso conhecer. Em julho de 2015, vou participar da Universíade, na Coreia do Sul, então assim é uma oportunidade única, um país que eu vou conhecer que se não fosse a arbitragem eu jamais poderia imaginar em conhecer. Então eu agradeço à arbitragem?

I.M. – Esse campeonato é da FIFA?

R.M. – Esse campeonato é organizado pela Liga Universitária, não é? Onde eu estou sendo indicada pela CBDU, ConFederação Brasileira de Desporto Universitário. É o terceiro maior evento esportivo mundial, só perdendo para as Olimpíadas e para a Copa do Mundo.

I.M. – O que significa para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

---

<sup>4</sup> Sílvia Regina de Oliveira.

R.M. – Significa que a mulher em todo seguimento da sociedade vem buscando se firmar, vem buscando mostrar o seu potencial. E ser árbitra de futebol no Brasil é muito prazeroso e mostra a capacidade da mulher. Mostra a força de vontade que a mulher tem em qualquer segmento da sociedade no que ela se colocar a fazer.

I.M. – Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

R.M. – Eu acho que na vida no geral, independente de arbitragem, você precisa colocar um objetivo, você precisa colocar uma meta, mas a partir do momento em que você chega naquela meta, naquele objetivo você não pode falar: “Ah, cheguei aqui e está bom!”. Então apesar de você conseguir o objetivo, quando você chega lá você tem que ter outros objetivos. No caso de um árbitro de futebol, você chegar na FIFA, eu poderia falar: “Aqui é o máximo para mim!”, porque a FIFA é o topo em relação a arbitragem. Eu cheguei à FIFA em 2012, mas não falei que estou satisfeita. Meu sonho hoje em relação à FIFA é ir às Olimpíadas de 2016, no Rio do Janeiro. Em relação à FIFA, e em relação à arbitragem brasileira o meu sonho ainda é apitar um jogo da série A1 do Campeonato Paulista. Então nunca a gente pode estar “Cheguei ao objetivo e está bom!”, sempre tem que estar buscando um algo a mais.

I.M. – Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

R.M. – Eu acho que tem mudado bastante esse olhar, tanto jogadores, como a mídia, como os jornalistas. Eu acho que já acabou se acostumando com a mulher no futebol e já tem um certo respeito. Não tem mais aquela desconfiança, aquele machismo, aquela coisa bairrista. Porque hoje assim, independente de ser ou homem ou mulher, se você desempenhar bem o papel, você tem que ser respeitado. Então hoje eu vejo que há um respeito maior em relação a isso pelas conquistas das mulheres, pelas atuações, então eu acho que a visão é uma boa visão sim em relação à mulher no futebol.

I.M. – Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

R.M. – Então essa pergunta está até meio que relacionada com a primeira pergunta. Mas eu acho que a mídia ela não tem que analisar se é mulher ou se é homem, tem que ver a competência. Independente de sexo, independente de altura, independente de qualquer coisa tem que ver a competência do profissional que está no campo de jogo. Mas infelizmente, ainda tem um pouco de diferença em relação a homem e à mulher. Se o erro é de um homem, tanto assistente como árbitro central, já não tem o mesmo peso quanto para as mulheres. Mas eu acho que isso é até pelo número de mulheres, como são menos mulheres atuando no futebol, então quando acontece um erro a visibilidade é muito maior. Já que o número de homens é muito maior, então que sendo: “Ah, é natural, o árbitro tem direito a errar!”. Mas se for com a árbitra feminina a visibilidade é muito maior. Então acaba tendo um pouco mais de preconceito. Mas eu acho que essa análise tem que ser feita do profissional, independente de homem ou de mulher.

I.M. – Como é a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

R.M. – A rotina de treino é muito forte, a gente costuma falar que o árbitro é árbitro 365 dias por ano, não tem férias, não tem final de semana. O árbitro tem que estar sempre muito bem preparado, independente se estiver escalado ou não, ele tem que estar sempre bem treinado. O árbitro pode passar um mês sem pegar uma escala por que hoje com o estatuto do torcedor tem esse negócio de sorteio. Só que ele não pode ficar um mês sem treinar, apesar de ele não estar sendo escalado ele precisa manter a rotina de treino, que não é fácil. Tem que ter treinamento na pista, não é? Que é a velocidade, a resistência, e ter que ter um treinamento em uma academia para fazer uma musculação, um fortalecimento da musculatura.

I.M. – Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

R.M. – Não, esse tipo de diferença eu não percebo não, como eu te falei. Às vezes a árbitra acaba sendo até mais respeitada do que o homem dentro do campo de jogo, por ser mulher, porque os homens não vão chegar de uma forma pejorativa para falar com a mulher, coisa que com o homem ele pode até falar o mesmo linguajar e ali eles se entendem. Com a mulher não, ele já tem que ter um pouco mais de cuidado com o que vai falar.

I.M. – O que a sua geração de árbitras deixa para as gerações seguintes?

R.M. – Eu acho que a minha geração, é uma geração que deixa a determinação que a mulher tem, apesar de a gente ter como eu te falei, a Sílvia Regina abriu muitas portas, quebrou muitas barreiras, mas a gente teve essa responsabilidade de manter e até melhorar essa imagem da mulher no futebol e a gente procurou da melhor forma representar e sustentar aquilo que a Sílvia, a Aline<sup>5</sup>, Maria Eliza<sup>6</sup>, Ana Paula<sup>7</sup> conquistaram. Então eu acho que a gente vem carregando esta bandeira da melhor forma, deixando um legado bom assim para as próximas mulheres que vem aí na área do futebol.

I.M. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

R.M. – Os temas abordados foram assim os melhores possíveis, porque pode ver que a mulher pode atuar em todas as partes. Parabenizar pelo trabalho, pela pesquisa, assim, excelente, porque é difícil ter o tema arbitragem feminina, o teu interesse. O que eu tenho a falar é parabenizar pela iniciativa, pelo trabalho, que você tenha muito sucesso.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>6</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>7</sup> Ana Paula Oliveira.